

Identificações performativas do masculino no voleibol: narrativas de jovens adolescentes atletas em debate

Leandro Teofilo de Brito

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo busca problematizar, através de entrevistas narrativas, como jovens adolescentes atletas de voleibol, que se identificam como *gays* e bissexuais, narram suas performances de masculinidades no contexto do esporte. Tomo como base a noção de gênero performativo, desenvolvida pela teórica feminista Judith Butler, que diz respeito à repetição discursiva de atos, gestos, atuações e encenações, inscritos nos corpos dos sujeitos, a partir de padrões normativos, mas que é um processo contingente que abarca possibilidades de repetições/deslocamentos de sentidos. As entrevistas narrativas, operacionalizadas pela proposta dialógica de Leonor Arfuch, apontam pelas falas dos jovens adolescentes atletas que o espaço do vôlei não nega a existência de diferentes orientações sexuais e performances de masculinidades, porém seu reconhecimento repete normatizações estabelecidas quando se busca mantê-las sob padrões regulatórios.

Palavras-chave: Masculinidades. Performatividade. Narrativas. Voleibol. Esporte.

Abstract: This article seeks to discuss through narrative interviews as young teenager volleyball athletes, who identify themselves as gays and bisexuals, narrate their performances of masculinities in the sport. Based on the notion of performative genre developed by feminist theorist Judith Butler, which concerns the discursive repetition of acts, gestures, actions and performances recorded on the bodies of the subjects, from regulatory standards, but that is an uncertain process that includes possibilities of repetition/dislocation of directions. The narrative interviews applied by dialogic proposal of Eleanor Arfuch point, through the comments of young teenager athletes that the volleyball space does not deny the existence of different sexual orientations and performances of masculinities, however its recognition repeats established regulations that seek to keep them under regulatory standards.

Keywords: Masculinities. Performativity. Narratives. Volleyball. Sport.

A visibilidade do debate sobre gênero e sexualidade ganhou amplitude na contemporaneidade pela sua presença em diferentes instâncias da nossa sociedade como política, religião, educação, esporte, etc. O campo do esporte, entre estas instâncias, reconhecido como área masculina reservada (DUNNING, 1992), de manutenção da masculinidade hegemônica (CONNELL, 2000) e dominado por uma masculinidade tradicional

(DUNNING; MAGUIRE, 2010) passa também a ser visto como palco de masculinidades emergentes na contemporaneidade.

Deslocamentos de sentidos que subvertem o que se entende como normativo para o masculino, através de performances de masculinidades alternativas em diferentes modalidades, mostra-se cada vez mais notório no esporte: destaco o estadunidense Robbie Rogers, jogador de futebol em atuação pela equipe do *Los Angeles Galaxy*, time da liga norte-americana de *soccer*, publicamente assumido como homossexual¹; Chris Mosier, também estadunidense, primeiro homem transexual a integrar a seleção de duatlo de seu país² (esporte que une corrida e ciclismo); a inclusão de homens nas provas de nado sincronizado³; e, no Brasil, a realização em 2016 da 24ª edição da Liga Amazonense *Gay* de Voleibol⁴, principal campeonato voltado para atletas homossexuais e existente aqui no país desde a época da ditadura militar.

E é justamente o voleibol aqui no Brasil que tem protagonizado principais rupturas sobre estas questões. A antropóloga Juliana Coelho, apresentando dados de diferentes fontes de pesquisas como etnografias em jogos de voleibol e em grupos de discussão sobre o esporte nas redes sociais, afirma que o vôlei é “um modelo esportivo híbrido” (COELHO, 2009, p.81) em relação às questões de gênero e sexualidade no nosso país. Para a autora, a trajetória do voleibol no Brasil aponta para predominância de um imaginário feminino nessa prática, seja pelo número elevado de mulheres⁵ que, historicamente, praticavam e praticam a modalidade, seja pelo maior engajamento delas nas torcidas e o fato de ter sido o primeiro esporte coletivo, que em sua estreia nos Jogos Olímpicos (edição de 1964, em Tóquio) teve a participação dos naipes masculino e feminino. Outro ponto colocado por Coelho (2009) diz respeito à comparação do futebol com o voleibol: o futebol, de acordo com a pesquisadora, se mostra um espaço de exclusão de mulheres e homossexuais, especificamente um espaço de afirmação da masculinidade hegemônica, pautando-se na teorização da socióloga australiana Raewyn Connell⁶. Deste modo, o voleibol acaba sendo um local potencialmente aberto para novas

sociabilidades esportivas, um espaço mais tolerante e menos segregador para praticar e torcer. Conforme coloca a autora: “É nesse cenário que o vôlei acaba se constituindo em um espaço de sociabilidade feminina e homoerótica” (p. 91).

Complementando a pesquisadora, sabe-se que o voleibol brasileiro, desde a década de 1990, coleciona alguns casos de atletas profissionais que se assumiram como *gays* e até mesmo como transgênero⁷, e que atuaram/atua em equipes profissionais, abrindo um espaço, ainda restrito, entre homens esportistas brasileiros que optam em falar publicamente sobre sua orientação homossexual e/ou mudança de identidade de gênero. Algumas pesquisas acadêmicas problematizaram estas questões, relatando a existência de masculinidades emergentes, a presença da orientação homossexual e da identificação transgênero entre sujeitos atletas e praticantes em diferentes espaços de desenvolvimento do voleibol (ANJOS, 2015; BRITO; PONTES, 2015; PACHECO; POSTERATO; BARRETO, 2012; PACHECO, 2010; CLEMENTINO; ROSSETO JÚNIOR, 2008).

Trazendo um pouco de minha experiência pessoal neste texto, atuei como professor de voleibol em uma instituição de esporte e lazer que recebia crianças e adolescentes oriundos/as de escolas públicas estaduais e municipais da região da zona norte do Rio de Janeiro e, lecionando em turmas de jovens de 15 a 17 anos, não poderia deixar de observar uma predominância de meninos que se identificavam como *gays* e bissexuais. Este fato era observado também quando jogávamos torneios e competições com outros coletivos de prática do voleibol, inclusive fora do estado, e a orientação sexual integrava estes jovens ocorrendo relações de maior proximidade como amizade e/ou namoro, fato que eles próprios me relatavam. Havia também certa idolatria destes jovens pelas jogadoras de voleibol que faziam parte da seleção brasileira na época, sendo estas as suas principais referências para que optassem pela prática do referido esporte. Alguns deles, no contexto das aulas, queriam aprender as jogadas específicas de suas atletas favoritas e apareciam nas aulas com as camisas

oficiais das jogadoras de que eram fãs, performatizando assim expressões de gênero tidas como dissidentes no contexto masculinista do esporte. Ao estar naquele espaço como professor, me via diante de sujeitos que escapavam das normas e das regulações sociais que historicamente foram impostas ao masculino no esporte, jovens que desconstruíam sentidos fixos e estáveis das masculinidades em suas performances de gênero.

Com base nestas afirmações, este artigo busca problematizar, através de entrevistas narrativas pela proposta dialógica de Arfuch (2010), como jovens adolescentes⁸ atletas de voleibol, que se identificam como *gays* e bissexuais, narram suas performances de masculinidades no contexto⁹ do esporte. Performance diz respeito à noção de gênero performativo, desenvolvida pela filósofa feminista estadunidense Judith Butler e base teórica central neste artigo. A teorização será melhor desenvolvida na sequência.

Masculinidades como enunciações performativas

O termo performativo, desenvolvido por Judith Butler em seus estudos sobre gênero e sexualidade, tornou-se conhecido pela sua mais famosa obra traduzida para o português: *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. A apropriação do termo pela teórica feminista se deu a partir da leitura desconstrutora que o filósofo franco-argelino Jacques Derrida fez da teoria dos atos de fala, do também filósofo Jonh L. Austin (LEITE, 2014). Oriundo do campo da linguística, Austin foi autor importante nas soluções teóricas para o problema do significado, especialmente entre estudiosos e estudiosas que procuravam incluir o uso cotidiano da linguagem na descrição dos sentidos linguísticos, servindo como base teórica de estudos funcionalistas, sociolinguísticos, da análise do discurso e da filosofia da linguagem (PINTO, 2009).

O termo performativo, pela teoria dos atos de fala, parte do entendimento de que quando se profere um enunciado, este não descreveria apenas o ato, mas construiria a própria ação

denotada pelo verbo (AUSTIN, 1990). É nesta direção que Jacques Derrida, ao desconstruir as ideias de John L. Austin, afirma que o performativo é uma comunicação que não leva consigo apenas um conteúdo semântico já constituído e vigiado por uma verdade, assim como “[...] o performativo não tem seu referente (mas aqui essa palavra sem dúvida não convém o interesse da descoberta) fora de si ou, em todo caso, antes e perante si. Não descreve algo que existe fora da linguagem e antes dela. Produz ou transforma uma situação, opera [...]” (DERRIDA, 1991, p.26/27). Estaria se enunciando pela linguagem um fazer propriamente dito, que produz efeitos e gera realidades.

Butler (2015a) se apropria destes preceitos ao formular a noção de performatividade de gênero, que diz respeito à repetição discursiva de atos, gestos, atuações e encenações, inscritos nos corpos dos sujeitos, que constitui e regula tanto o gênero, como o sexo e a sexualidade a partir da norma. Contudo, o gênero performativo também permite deslocamentos nos seus sentidos, pois para a filósofa, gênero significa o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam sem fundamentação direta às conformações intersticiais, hormonais, cromossômicas e físicas na sociedade. Deste modo, reconhecer que o gênero sempre e exclusivamente supõe as matrizes masculina e feminina é perder de vista o ponto crítico de que essa produção tida como coerente e binária é contingente.

Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino se produzem e se naturalizam, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados. [...]. Manter o termo “gênero” à parte de masculinidade e feminidade é salvaguardar uma perspectiva teórica que permite analisar como o binarismo masculino e feminino esgotou o campo semântico de gênero (BUTLER, 2012, p. 70, *tradução minha*¹⁰).

Esse binarismo contestado por Judith Butler nas conceituações de gênero, que se expressa nas dicotomias homem/mulher e masculino/feminino é também problematizado por outras teóricas feministas situadas no pós-estruturalismo com base na noção de desconstrução de Jacques Derrida. Esta proposta foi apropriada como mais um caminho para inverter e deslocar a construção hierárquica que se naturalizou na diferença sexual.

A desconstrução não pode limitar-se ou passar imediatamente para uma neutralização: deve, através de um gesto duplo, uma dupla ciência, uma dupla escrita, praticar uma reviravolta da oposição clássica e um deslocamento geral do sistema. É só nesta condição que a desconstrução terá os meios de intervir no campo das oposições que critica e que é também um campo de forças não-discursivas (DERRIDA, 1991, p. 372).

Haddock-Lobo (2008) reafirma o que Jacques Derrida busca promover com o pensamento da desconstrução no que chama de “duplo gesto” (p.19), que se dá por meio de dois momentos constituintes da atividade desconstrutiva: a inversão e o deslocamento, citados no trecho acima. No primeiro momento, a inversão vai buscar colocar em destaque o que foi reprimido, marginalizado, para posteriormente, no deslocamento, ir além das dicotomias, das hierarquizações, dos binarismos, rompendo com qualquer nova hierarquização.

O que Derrida chama de feminino, por exemplo, está para além da mulher, para além da distinção sexual homem-mulher: é justamente o fim da distinção polar e a abertura para uma produção de múltiplas diferenças sexuais [...]. Sob este prisma, o feminino não é a mulher, mas sim a possibilidade de se lidar com a ausência da verdade fálica, masculina, certa... É a possibilidade do desconhecido e do novo e, por isso, a chance de pensarmos para além de qualquer classificação sexual, seja hetero, homo, trans, metro ou mesmo pansexual (HADDOCK-LOBO, 2008, p. 20).

O movimento de contestação da oposição binária homem/mulher e masculino/feminino, pela noção de desconstrução, tão caro às lutas feministas e tão potente politicamente na busca pelos direitos à diferença trouxe às discussões sobre gênero e sexualidade novas configurações e alternativas, como aponta a também teórica feminista Joan Scott:

Embora alguns pares de oposições pareçam ser recorrentes em certas culturas, seus significados específicos se expressam por meio de novas combinações de contrastes e oposições. Disputas quanto ao significado implicam na introdução de novas oposições, na reversão de hierarquias, na tentativa de expor termos reprimidos, de contestar o estatuto natural de pares aparentemente dicotômicos e de expor sua interdependência e sua instabilidade interna. Esse tipo de análise, teorizada por Jacques Derrida como "desconstrução", torna possível estudar sistematicamente (ainda que não definitivamente ou totalmente) os processos conflitivos que produzem o significado (SCOTT, 1994, 21).

Desenvolvendo a discussão sobre o binarismo masculino/feminino, que é contestada pela noção de performatividade de gênero, Butler (2015b) afirma que os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio

dos quais são reconhecidos. Postula, desse modo, uma ontologia historicamente contingente, que impede qualquer compreensão determinística, seja de normatizações, seja de deslocamentos. Judith Butler, nesta teorização, se apropria de um quase conceito¹¹ derridiano, a iterabilidade, que nomeia a repetição da norma com possibilidades de deslocamentos de sentidos. Pela iteração se reconhece a impossibilidade de realização plena dessa repetição, sendo crucial para a autora compreender que as normas não atuam de maneira determinísticas. “A produção normativa do sujeito é um processo de iterabilidade – a norma é repetida e, nesse sentido, está constantemente ‘rompendo’ com os contextos delimitados como as ‘condições de produção’” (BUTLER, 2015b, 237).

Outro quase conceito derridiano importante na construção deste quadro teórico é a citacionalidade, que exprime a propriedade do signo romper com a presença de um referente, sendo deslocado e citado em diferentes contextos. A citacionalidade, assim como a iterabilidade, são operacionalizadas na noção de performatividade, pois a repetição é citada em variados contextos, com iterações, produzindo assim diferenças. Butler (2001) discorre sobre a citacionalidade na noção de performatividade, apontando formas em que as normas ontológicas são empregadas no discurso, citadas em contextos diversos e imprevistos, podendo deste modo provocar deslocamentos de sentidos: “[...] a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (p.111).

A noção de performatividade de gênero, desenvolvida por Judith Butler, se dá sobre o corpo, por esta prática citacional supracitada, sem perder de vista a interseção entre linguístico e político:

Se o corpo não é um “ser”, mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero e da heterossexualidade compulsória, então que linguagem resta para compreender essa representação corporal, esse gênero, que se constitui sua significação “interna” em sua superfície? [...]. Consideremos o gênero, por exemplo, como um estilo corporal, um “ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde “performativo” sugere uma construção dramática e contingente de sentido (BUTLER, 2015a, 240).

Cabe colocar que o termo performance também é referido por Judith Butler na formulação da noção de performatividade de gênero, mas que se deve ter cuidado ao interpretar a palavra de maneira descontextualizada do que a filósofa propõe. Butler (2014) defende que as duas dimensões se entrecruzam, pois a performance está dentro do processo de performatividade, entretanto não pode ser entendida, como reiteram alguns autores/as, em um sentido estritamente teatral e, principalmente, como uma possível escolha de identidades (BORBA, 2014; SALIH, 2012; SPARGO, 2006).

Pensar em identificações performativas do masculino, como este artigo se propõe, abarca o reconhecimento de múltiplos sentidos atribuídos às masculinidades ao contestar qualquer leitura essencialista sobre o gênero masculino. É situar as masculinidades num jogo de relações e disputas de sentidos que permitem possibilidades de repetições/deslocamentos, desconstruindo sentidos imutáveis e estáveis para as identificações de gênero nos diferentes contextos sociais, entre eles o campo do esporte.

Sobre identificações performativas do masculino no voleibol

Apresento como estudo empírico entrevistas narrativas com jovens adolescentes atletas de voleibol, que se identificam como *gays* e bissexuais. Este é um recorte de minha tese de doutorado que se encontra em andamento pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, intitulada *Masculinidades performativas em narrativas de jovens atletas: desconstruções*.

Utilizei a técnica bola de neve (PATTON, 1990) para captação dos jovens adolescentes atletas, que tem como objetivo selecionar a amostra por conveniência, permitindo que se busque sujeitos com o perfil desejado pela pesquisa. Como trabalhei em início de carreira como professor de voleibol, o contato com pessoas que atuam no campo como professores/as,

técnicos/as e atletas facilitou a captação dos sujeitos. Os jovens adolescentes, dos quais apresento as narrativas, são atletas de um clube que desenvolve trabalho com o esporte no bairro de Vila Isabel, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, com a faixa etária entre 17 e 19 anos e jogadores das equipes infante e juvenil.

Na busca por um método que favoreça um olhar não essencializado e desnaturalizado para abordagem do objeto de pesquisa, o desenvolvimento das entrevistas narrativas apresenta a possibilidade de dialogismo que ocorrerá no contato entre sujeitos entrevistados e pesquisador, possibilitando, além da problematização das questões sobre masculinidades, desconstruções nas formas de utilização de entrevistas em pesquisas do campo das ciências humanas.

Tal proposta tem como base os estudos da pesquisadora argentina Leonor Arfuch, que, além de dialogar com autores do pós-estruturalismo, baseia-se também em autores como Mikhail Bakhtin e Paul Ricoeur, propondo reconhecer o espaço biográfico como um local de multiplicidades de narrativas que contam de diferentes modos histórias ou experiências de vida. A noção de identidade narrativa, em Ricoeur, é tomada por Arfuch (2010, p.119) para: “[...] permitir analisar ajustadamente o vaivém entre o tempo da narração, o tempo da vida e a (própria) experiência [...]”.

A teórica feminista Joan Scott, também citada por Leonor Arfuch nesta construção teórica, afirma que quando a experiência é tomada como origem do conhecimento, a visão dos sujeitos, seja da pessoa que viveu a experiência ou a da que relata, torna-se verdade apriorística, remetendo-se a um entendimento essencialista que opera invisibilizando formas de como a diferença é estabelecida, como e de que maneira esta constitui os sujeitos. Scott (1998, p.302) exemplifica este entendimento pelos dualismos binários já discutidos anteriormente:

Em outras palavras, a experiência, concebida tanto por meio de uma metáfora de visibilidade, quanto por outro modo que tome o significado como transparente, reproduz, mais que contesta, sistemas ideológicos dados – aqueles que presumem que os fatos da história falam por si mesmos e aqueles que se fundamentam em ideias de uma oposição natural ou estabelecida entre, digamos, práticas sexuais e convenções

sócias, ou entre homossexualidade e heterossexualidade. [...]. Mas o projeto de tornar a experiência visível impede o exame crítico do funcionamento do sistema ideológico em si, suas categorias de representação (homossexual/heterossexual, homem/mulher, branco/negro) como identidades fixas imutáveis, suas premissas sobre o que essas categorias significam e como elas operam, e de suas ideias de sujeito, origem e causa.

Deste modo, Scott (1998) propõe que ao tornar visível a experiência de um grupo se coloque em evidência os processos históricos que, constituídos pelo discurso, posicionam sujeitos na construção crítica de sua experiência, já que: “Não são indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência” (p. 304). A teórica feminista, nesta perspectiva, problematiza o caráter incontestável da experiência sem negá-lo por completo, indo ao encontro do que proponho na realização das entrevistas narrativas com os jovens atletas de voleibol: que se considere o dialogismo, tanto pelas vozes dos sujeitos entrevistados como dos sujeitos que realizam as entrevistas, buscando a desconstrução de posições essencializadas e pré-determinadas.

Essa reconsideração, à luz as novas concepções sobre identidade e narrativas que apresentamos envolve uma articulação entre o objetivo e o subjetivo, entre a particularidade da experiência e a impressão do coletivo, entre marcas de uma tradição e posições cambiantes de sujeito [...]. Em suma, é sob o signo da multiplicidade, da confrontação entre vozes e perspectivas, da segura vizinhança literária, que se delineia hoje a inscrição biográfica (ARFUCH, 2010, p. 274/275).

A interpretação das entrevistas foi realizada com base na performatividade da linguagem, considerando seus efeitos de repetições/deslocamentos de sentidos nas trocas dialógicas entre entrevistador e entrevistados. Enunciados performativos geram efeitos de forma provisória, devido sua contingência e, neste sentido, a intenção não governa a ação da linguagem com êxito, mas sim com ações anteriores através da repetição e citação de um conjunto de discursos anteriores (BUTLER, 2009) que são potencialmente relevantes nas significações atribuídas. Agrupei as entrevistas de acordo com os temas discutidos, que, conforme o recorte deste artigo, girou em torno do entrecruzamento masculinidades e voleibol. Destaco para discussão neste artigo a associação masculinidades e homossexualidade e homofobia no voleibol.

No contato inicial com o professor/técnico do clube, a palavra masculinidades, citada como tema central de pesquisa, foi lida pelo mesmo como questão restrita à homossexualidade, dada sua afirmação de que esta seria uma temática interessante a ser explorada em uma pesquisa no clube, pois disse receber meninos que se identificam como *gays* desde a categoria sub-13. Logo após, o mesmo me inseriu em um grupo do aplicativo *whatsapp* com mais oito jovens que treinavam e jogavam pelo clube, apresentando-me ao grupo para que eu pudesse expor a intenção da pesquisa aos mesmos. Situação similar ocorreu com o entendimento dos jovens adolescentes atletas nas conversas iniciais no *whatsapp* quando afirmei que a pesquisa se tratava da temática masculinidades. A questão da homossexualidade veio à tona imediatamente, e, naquele momento, antes das entrevistas propriamente ditas, alguns já se autodeclararam como *gays* e bissexuais nas conversas realizadas pelo aplicativo.

Nestas conversas perguntei aos jovens adolescentes atletas se os mesmos eram fãs de algum/a jogador/a de voleibol e todos afirmaram que sim, havendo uma predominância de escolha por atletas da seleção feminina de voleibol e da equipe feminina do Rexona¹². Posteriormente, perguntei sobre nomes fictícios que os mesmos gostariam de ser identificados na escrita do texto e um dos jovens afirmou que gostaria de ser nomeado pela jogadora de voleibol da seleção da Rússia, *Goncharova*, que havia sido citada pelo mesmo como sua jogadora preferida, questionando assim se teria algum problema ser identificado como uma mulher já que a pesquisa tratava do tema masculinidades. Respondi que não haveria qualquer problema e, seguindo o exemplo do colega, alguns jovens também optaram por nomes de jogadoras profissionais de voleibol: *Amanda*, *Goncharova* e *Natália*, assim como do também jogador *Michael*, bastante conhecido por ter se assumido publicamente como homossexual em um caso de homofobia na Superliga Masculina em 2011¹³, são os nomes fictícios que apresento na discussão das entrevistas.

Como o clube estava entrando na fase final de um campeonato que disputa todos os anos, a Liga Rio¹⁴, combinamos as entrevistas justamente nesta etapa, quando uma mescla das equipes masculinas infante e juvenil jogaram a categoria aberto. Esta etapa ocorreu na *Vila Olímpica Professor Manoel José Gomes Tubino*, em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, no mês de dezembro de 2015, período em que realizei entrevistas narrativas individuais com os jovens adolescentes atletas.

A associação da palavra masculinidades com homossexualidade emergiu também nas entrevistas como uma questão e apresento abaixo alguns trechos dos diálogos:

¹⁵Pesquisador: Como a masculinidade é vista no espaço do vôlei na sua opinião?

Amanda: Sobre a masculinidade... então, o vôlei não é esporte só de gay. Aqui mesmo tem muitos gays... já alguns são bi, outros são heteros, mas infelizmente os que praticam ficam marcados por essa questão... e hoje isso é demais.

Pesquisador: Você acha então que os homens, no geral, que jogam vôlei ficam marcados por essa questão das pessoas acharem que todos são gays?

Amanda: Sim. Principalmente pra quem sabe que o vôlei é cheio de gays, acaba associando todo mundo mesmo a essa condição.

Pesquisador: Há alguma cobrança dessa questão de uma certa masculinidade no vôlei?

Goncharova: Ah, tipo assim, pra gente mesmo querer... as gays mesmo, pra tentar alguma coisa no vôlei profissional, a gente tem que ser muito incubada, a gente tem que se prender demais, não ficar dando pinta, se prender demais e ver no que vai dar. Tipo assim, ficar muito preso, muito preso, muito preso e acumulando. O que vier a gente tem que... tipo, a gente tem que se desafeminar, entendeu?

Pesquisador: Entendi sim... então você tem que, de repente, manter uma postura mais masculinizada para poder sobreviver dentro do vôlei. Você acha que isso acontece?

Goncharova: Isso. Isso, infelizmente, acontece no vôlei.

Pesquisador: O que você acha da relação voleibol e masculinidade?

Michael: Graças a Deus dentro do vôlei, pelo pouco que a conheço e passei por vários lugares, o vôlei em si, em relação à masculinidade não é um esporte que é tão cobrado isso. Porque o homossexual dentro do vôlei é tratado como homem. Ele não tem essa divergência em relação a característica e a possibilidade de ter o trejeito feminino. Então, a masculinidade no vôlei pouco importa. Veja aqui... quantos gays você vê circulando por aqui?

Pesquisador: É, aqui tem vários.

Michael: Vários, você até percebeu já... difícil é saber quem é hetero aqui....

Em diálogo com Judith Butler, trago para discussão das entrevistas narrativas o sociólogo estadunidense Eric Anderson, pesquisador do campo do gênero e esporte, com ênfase nos estudos sobre masculinidades. Anderson (2005) afirma que o espaço do esporte ainda é um local marcado por questões relacionadas à homofobia e misoginia, porém este já se mostra mais inclusivo e aberto a diferentes performances de gênero e orientações sexuais entre atletas e praticantes. Conforme coloca o autor, a presença da homofobia não significa que sujeitos masculinos com identificações homossexuais sejam expulsos dos espaços esportivos por completo, fato que se confirma pelas falas dos jovens adolescentes atletas e até pela própria inserção dos mesmos no contexto do esporte.

Os enunciados apresentados pelos entrevistados exprimem repetições/deslocamentos de sentidos sobre as masculinidades, perpassando a fala de *Amanda*, quando afirma que pelo fato do voleibol ter muitos atletas *gays* “infelizmente” aqueles que praticam ficam marcados pela identificação homossexual, atribuindo sentido negativo a tal identificação, contrapondo-se a *Michael*, que enuncia não haver cobrança por uma masculinidade tida como normativa no espaço do voleibol. Nas palavras de Butler (2015a):

O sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto se oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes. [...]. Se as regras que governam a significação não só restringem, mas permitem a afirmação de campos alternativos de inteligibilidade cultural, *i.e.*, novas possibilidades de gênero que contestem os códigos rígidos dos binarismos hierárquicos, então é somente no interior das práticas de significação repetitiva que se torna possível a subversão da identidade (p. 250).

Dando continuidade à discussão, Anderson (2005, p.13, *tradução minha*¹⁶) nomeia de “hipermasculinidade” o movimento de afirmação da heterossexualidade entre atletas, que busca negar a homossexualidade no esporte, pelo fato de a mesma ter o sentido de fraqueza e fragilidade emocional para os homens. A hipermasculinidade seria uma performance de masculinidade normativa repetida nos espaços esportivos masculinos e, mesmo o vôlei, com a presença de praticantes *gays* e bissexuais, não consegue fugir a tal normatização, como aponta

a fala de *Goncharova* ao afirmar que um jogador de vôlei *gay* para seguir em frente na carreira deve ser “incubada” e se “desafeminar”.

Em paralelo à denúncia exposta pela narrativa, não deixo de reconhecer, neste contexto, que há desestabilizações importantes quando o jovem adolescente atleta usa a palavra incubada no feminino para se referir a atletas *gays* e bissexuais que buscam regular suas performances de gênero no voleibol. Considero esta, inclusive, como uma enunciação *queer*. Para Salih (2012) a expressão *queer* constitui uma apropriação radical de um termo muito usado para ofender e insultar *gays* e lésbicas no contexto norte-americano, mas que foi performatizada pelos/as mesmos/as na busca por afirmação identitária e que também trouxe à tona e deu visibilidade a outras categorias como travestis, transgêneros, intersexuais e *queers* no que se denomina hoje de movimento LGBT, assim como no que Butler (2012) nomeou de *New Gender Politics*. *Goncharova*, ao transitar entre as identificações feminino e masculino na conversa, performatiza uma identificação *queer* desestabilizando sentidos estáveis e inteligíveis de gênero, sentidos dos quais Butler (2015a) denunciou o caráter compulsório de coerência sexo, gênero e desejo. “Em outras palavras o *queer* não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação” (SALIH, 2012, p.19).

Questões relacionadas à homofobia emergiram nas entrevistas com os jovens adolescentes atletas, as quais destaco abaixo:

Pesquisador: Mas você saiu do Flamengo por lesão ou por algo relacionado à questão da homofobia, já que você hoje joga em outro clube?

Goncharova: Então... vou te falar a verdade: sofri muitos preconceitos lá... mesmo nas categorias mirim e infantil, quando eu era muito novo. Meu técnico não falava que não me aceitava, mas ele não me botava pros jogos sendo que eu era um dos melhores jogadores da categoria infantil... ele sempre me poupava. Aí logo em seguida eu me lesionei, então foi aí que eu resolvi sair de vez de lá e surgiu a oportunidade aqui, que é muito mais tranquilo.

Pesquisador: Mas quem te falou que ele tinha preconceito com você?

Goncharova: Todo mundo falava, ele falava mal de mim pros outros atletas e técnicos, que eu era afeminado, que não podia me expor nos jogos porque todo mundo ia rir de mim, iam falar que a equipe que ele treinava tinha uma bicha... coisas desse tipo.

Pesquisador: Como é que você vê a relação do vôlei com a masculinidade?

Natália: Então masculinidade... depende. Porque tem uns clubes que são mais liberados, ou seja, tem seus atletas que "são" e acabou. Mas eu, desde o momento que eu entrei para jogar, eu sempre soube que... não é que eu sempre soube, ninguém nunca chegou no meu ouvido e falou: "ó, você tem que ser assim. Você tem que ser homem, não pode desmunhecar, não pode fazer nada". Eu senti isso quando eu me federei. Eu estava em fase de teste e o que eu fazia no projeto social era uma coisa... eu me sentia em casa. Agora no Tijuca era uma coisa totalmente diferente. Uma vez eu levei meu namorado que jogava também em outro clube pra ver um treino e rolou um beijo entre a gente na arquibancada. O técnico na mesma hora me chamou atenção e no projeto isso não acontecia, até porque tinham vários casais. Então, eu senti muita diferença do projeto pro Tijuca. Lá é uma coisa... e tipo, eu não me senti bem no início, entendeu? Ele em nenhum momento chegou pra mim e falou "ó, tem tal regra e você tem que seguir". Não! Mas às vezes você não precisa nem ver, é só notar os atos das pessoas ali. Mas vou seguindo, porque meu objetivo é seguir em frente como jogador...

Pesquisador: Existiam outros meninos que eram gays na equipe?

Natália: Olha.. gay tem desde o mirim até o juvenil.. e todo mundo no clube sabe...

A negação de qualquer característica próxima ao que se costuma identificar como feminilidade e sua conseqüente e frequente associação à homossexualidade, repete-se nas narrativas enunciadas pelos dois jovens adolescentes atletas. Anderson (2009) afirma que o termo masculinidade – em seu sentido mais estabilizado e tradicional - construiu-se baseado na homofobia e a homofobia se mostra como a principal via de policiamento e regulação de comportamentos tidos como femininos nos homens. Deste modo, performances de masculinidades de atletas que buscam a profissionalização no esporte estão, algumas vezes, passíveis de vigilância, já que, qualquer tipo de desvio dessa masculinidade tida como normativa torna-se um risco para o futuro da carreira.

Judith Butler discorreu sobre a paranoia homossexual (BUTLER, 2009). Segundo a autora, o termo homossexual descreve um grupo identitário do qual, socialmente, há regulações nas suas formas de descrição, havendo assim controle do Estado sobre seu significado, em especial à restrição de sua autodescrição em sujeitos que se identificam como tais. A filósofa feminista faz essa discussão no contexto do exército estadunidense, afirmando que o homossexual é “alguém cuja a autonegação é um requisito indispensável para o serviço militar” (BUTLER, 2009, p.178, tradução minha¹⁷). A associação, embora dentro de um dado espaço-

tempo específico, pode ser apropriada ao campo esportivo, mais especificamente ao contexto apresentado aqui. Nas narrativas dos dois jovens adolescentes atletas a homossexualidade é invisibilizada como orientação sexual nos clubes, pois os mesmos não admitem reconhecê-la como uma identificação possível em seu espaço, mesmo admitindo a sua existência. Neste sentido, a paranoia homossexual discutida por Judith Butler parece também estar presente no contexto do voleibol, conforme as narrativas enunciaram.

Considerações

A leitura sobre as narrativas que dizem respeito às performances de masculinidades de jovens adolescentes atletas de voleibol, identificados na pesquisa como *gays* e bissexuais, apontam para repetições/deslocamentos de sentidos que, seja sedimentados por convenções sociais impostas historicamente no campo do esporte ou pela desestabilização de uma masculinidade normativa, que se mostra presente, especificamente, no contexto do voleibol, apresentam-se complexas para análise. Tal fato não seria diferente e se dá através do olhar apoiado pela perspectiva pós-estruturalista.

Da mesma forma que o espaço do vôlei não nega a existência de diferentes orientações sexuais e performances de gênero, seu reconhecimento repete normatizações estabelecidas quando se busca mantê-las sob padrões regulatórios, conforme as narrativas explicitam. O sentido de desvio é tomado sobre a orientação homo e bissexual, assim como nas performances de masculinidades subversivas, entretanto, a escolha por nomes fictícios de jogadoras de voleibol a enunciação *queer* nas narrativas de *Goncharova*, mostram-se potencialmente produtivas e apontam deslocamentos de sentidos importantes sobre o masculino no esporte.

Estes jovens adolescentes atletas e suas identificações performativas de masculinidades trazem um possível, ainda que imprevisível, novo horizonte ao campo do esporte, colocando

em evidência as diferenças, que na contemporaneidade cada vez menos podem ser negadas.

¹ Disponível em: <<http://robbiehrogers.com/>>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

² Disponível em: <<http://www.rollingstone.com/sports/features/chris-mosier-first-trans-team-usa-member-w432272>>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

³ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/nado-sincronizado/noticia/2014/11/federacao-aprova-inclusao-inedita-de-homens-no-nado-sincronizado.html>>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/ligagaydevoleyamazonense/?fref=ts>>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

⁵ Em pesquisa recente do Ministério dos Esportes (2015) – Diagnóstico do Esporte no Brasil - constatou-se que o voleibol é o esporte mais praticado pelas mulheres, com um percentual de 20,5%, enquanto os homens praticantes de vôlei chegam apenas a 5,1%. O futebol é o esporte mais praticado pelos mesmos, com 66,2%. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/diesporte/7.php>>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

⁶ A teoria da masculinidade hegemônica, desenvolvida pela socióloga australiana Raewyn Connell, se refere à dinâmica cultural por meio da qual parte dos homens exige e mantém uma posição de liderança nas sociedades ocidentais através da legitimação do patriarcado, submissão das mulheres e, particularmente, da exclusão de masculinidades consideradas subalternas (CONNELL, 2000). Tal teorização tem sido a base dos estudos sobre masculinidades no campo dos esportes e da Educação Física (BRITO; LEITE, 2016), todavia, por Connell se contrapor à noção de gênero performativo (CONNELL; PEARSE, 2015) opto por não me apropriar da teoria da masculinidade hegemônica aqui.

⁷ Após 15 anos no time masculino, Mikaella mudou de lado e é a 1ª trans no vôlei. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/apos-15-anos-no-time-masculino-mikaella-mudou-de-lado-e-e-a-1a-trans-no-volei>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

⁸ Os termos adolescência e juventude disputam sentidos de acordo com seu campo de inserção. O primeiro é mais utilizado por pesquisas do campo da psicologia e o segundo pela sociologia (ABRAMO, 2005). Opto pela identificação *jovem adolescente* neste texto, enfatizando à instabilidade de ser referir a tal grupo, confirmada pela pesquisa acadêmica, pela legislação ou mesmo pelo senso comum (LEITE, 2015).

⁹ Me baseio na noção de contexto em Derrida (1991) quando o mesmo não pode ser determinável ou sua determinação nunca assegurada ou saturada, mas sempre aberta a deslocamentos de sentidos.

¹⁰ “El género es el mecanismo a través del cual se producen y se naturalizan las nociones de lo masculino y lo femenino, pero el género bien podría ser el aparato a través del cual dichos términos se deconstruyen y se desnaturalizan. [...]. Mantener el término género aparte de la masculinidad y de la femilidade es salvaguardar una perspectiva teórica en la cual se pueden rendir cuentas de como el binário masculino y femenino agota el campo semântico del género”.

¹¹ A noção de quase conceito, denominada também de indecidível por Derrida (2001), busca responder à impossibilidade do pensamento se organizar a partir de conceitos fixos, homogêneos e universais, desconstruindo assim parte da lógica do pensamento metafísico – pensamento binário, polarizado e hierarquizado. Tal noção visa tratar da instabilidade dos significados e, coerentemente, não poderiam se estabilizar em algum conteúdo apriorístico ao seu uso.

¹² Página da equipe feminina de voleibol Rexona-Sesc. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/rexonasesc/rj/>>. Acesso em 13 de novembro de 2016.

¹³ Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/volei/ultimas-noticias/2014/11/14/michael-sofreu-com-a-homofobia-no-volei-e-os-insultos-o-fizeram-crescer.htm>>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

¹⁴ A Liga Rio é um campeonato anual de base no voleibol carioca, que ocorre no estado do Rio de Janeiro desde 2009. Disponível em: <<http://www.ligariovolei.com.br/Novo/>>. Acesso em: 13 de novembro de 2016.

¹⁵ Diferenciando-se das citações diretas, apresento os trechos das entrevistas em itálico.

¹⁶ “Hypermasculinity”.

¹⁷ “alguien cuya autonegación es um requisito indispensable para el servicio militar”.

Referências

ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V. (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ANDERSON, E. *Inclusive masculinity: the changing nature of masculinities*. New York: Routledge, 2009.

ANDERSON, E. *In the game: gay athletes and the cult of masculinity*. New York: State University of New York, 2005.

ANJOS, L.A. “Volei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 11-24, 2015.

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BORBA, R. *A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais*. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 43, p.441-474, 2014.

BRITO, L. T.; LEITE, M. S. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos (ahead of print). *Práxis Educativa* (UEPG. Online), Ponta grossa, v. 2, n.2, p. 1/1-20, 2017.

BRITO, L. T.; PONTES, V. S. “Tiffany abreu is still one of the guys” - uma discussão sobre transgeneridade no espaço do voleibol”. XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Vitória, 2015. Anais...

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

BUTLER, J. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2012.

BUTLER, J. *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Editorial Síntesis, 2009.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.

BUTLER, J. Repensar la vulnerabilidad y la resistencia. In: XV Simposio de la Asociación Internacional de Filósofas (IAPh), Madrid, 2014. Anais...

CLEMENTINO, R.; ROSSETTO JÚNIOR, A. J. Esporte, convívio, respeito e valorização das diferenças: voleibol superando preconceitos homossexuais. In: Encontro da Alesde: “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”, Paraná, 2008. Anais...

COELHO, J. A. G. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, L. H.; COSTA, C. E. (Orgs.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, p. 75 – 93.

-
- CONNELL, R.; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015.
- CONNELL, R. *The men and the boys*. Berkeley: The University of California Press, 2000.
- DERRIDA, J. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DERRIDA, J. *Limited inc*. Northwestern University Press, 1991.
- DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. In: KNIJNIK, J. D. (Org.). *Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 67 – 108.
- DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, N. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- HADDOCK-LOBO, R. *Derrida e o labirinto de inscrições*. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- LEITE, M. S. Em desconstrução: textos e contextos na educação escolar do jovem mais jovem. In: LEITE, M. S.; GABRIEL, C. T. (Orgs.). *Linguagem, discurso, pesquisa e educação*. Rio de Janeiro: DP et alli, 2015, p. 321-350.
- LEITE, M. S. Performatividade: inscrições, contextos, disseminações. *Práxis Educativa* (UEPG, online), Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 141-165, 2014.
- PACHECO, L. T. Dentro do Caldeirão acompanhando o pequi atômico: masculinidade e voleibol em Montes Claros-MG. In: 27ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasil Plural: conhecimentos, saberes tradicionais e direitos à diversidade, Belém - Pará, 2010. Anais...
- PACHECO, L. T.; POSTERARO, T.; BARRETO, G. Explorando o Bloqueio: masculinidade e voleibol em Minas Gerais. 28ª Reunião Brasileira de Antropologia: Desafios antropológicos contemporâneos, São Paulo, 2012. Anais...
- PATTON, M. Q. *Qualitative Evaluation and Research Methods*. 2nd ed. Newbury Park: Sage Publications, 1990.
- PINTO, J. P. Atos de autoria: assinaturas, rasuras, rupturas. *Revista Investigações*, Pernambuco, v. 22, n. 1, 2009.
- SALIH, S. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- SCOTT, J. A invisibilidade da experiência. Projeto História. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 16, 1998.
- SCOTT, J. Prefácio a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.
- SPARGO, T. *Foucault e a teoria queer*. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

Sobre o autor: Leandro Teófilo de Brito é Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro do Grupo de Estudos sobre Diferença e Desigualdade na Educação Escolar da Juventude na Linha de pesquisas Infância, Juventude e Educação; Mestre em Educação e Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor EBTT do Colégio Pedro II – Campus Engenho Novo II e docente da disciplina Didática na Especialização em Educação Psicomotora da mesma instituição. Entre suas principais publicações estão os artigos: Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão – Revista Brasileira de Educação Física e Esportes, Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos - Revista Práxis Educativa e Masculinidades *queer* no voleibol: revisitando The Iron Ladies – Revista E-mail: teofilo.leandro@gmail.com